



**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**FÁBIO BARRETO ARRAIS**

**(entrevista)**

**Campos Sales, Ceará**

**2023**

**GEEPRACOR–CEFIS–UNIVASF**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Práticas Corporais e História Oral no Semiárido. Karatê em Campos Sales.

**Número da entrevista:** E-565

**Nome do/a entrevistado/a:** Fábio Barreto Arrais

**Local da entrevista:** Campos Sales/CE

**Entrevistador:** George Almeida Lima

**Data da entrevista:** 20/06/2023

**Transcrição:** George Almeida Lima

**Copidesque:** George Almeida Lima e Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa de termos:** George Almeida Lima e Christiane Garcia Macedo

**Revisão Final:** Christiane Garcia Macedo

**Total de gravação:** 22 minutos e 31 segundos

**Páginas Digitadas:** 05

**Observações:**

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: ARRAIS, Fábio Barreto. Entrevista concedida por Fábio Barreto Arrais ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador/a: George Almeida Lima. UNIVASF, Campos Sales (CE), 20 jun. 2023, 8.p.

## **SUMÁRIO**

Infância; Formação no karatê; Desenvolvimento do karatê na região; Aspectos socioculturais do karatê na região; Vivência nas artes marciais.

Campos Sales (CE), 20 de junho de 2023. Entrevista com Fábio Barreto Arrais (F.A) a cargo do pesquisador George Almeida Lima (G.L) para o Projeto Garimpando Memórias da Universidade Federal do Vale do São Francisco e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

G.L – Sempre morou em Campos Sales?

F.A – Morei em Campos Sales até 1989, depois fui pra Recife estudar. Sou engenheiro agrônomo.

G.L – Como conheceu o karatê?

F.A – Estudava em uma escola particular de Campos Sales e tive um professor chamado Antônio Francisco<sup>1</sup>, que era professor de matemática, artes e educação física, e os alunos souberam que ele treinava karatê de forma independente, e surgiu a ideia de utilizar o karatê nas aulas de educação física, em 1987. Eu tinha apenas 13 anos. E aí começamos com uns 6 alunos. Depois de 1 ano e meio eu já era faixa amarela. E depois desse 1 ano e meio, chegou em Campos Sales J. Augusto<sup>2</sup>, que era Cabo da Polícia Militar e abriu uma academia de karatê em Campos Sales e Antônio Francisco foi ser aluno de J. Augusto. J. Augusto era faixa roxa e Antônio Francisco faixa verde. J. Augusto era mais graduado. Então existiu uma conversa dos dois em juntar as academias com o estilo shidokan, que era o estilo de J. Augusto. Nessa oportunidade, houve uma junção entre os alunos de J. Augusto com os de Antônio Francisco, foi nessa oportunidade que entrou Flávio...

G.L – Aí as aulas de Antônio Francisco, ele era federado?

F.A – Sim, ele era shotokan, e depois se filiou ao shidokan. O mestre era J. Augusto, o faixa preta responsável. E aí o karatê foi se desenvolvendo, J. Augusto foi se aperfeiçoando, trazia mestres de fora pra fazer exames de faixa, e aí criou-se uma febre em Campos Sales, pra academia. Quando você menos esperava, tinha 50 alunos, tinha

---

<sup>1</sup> Nome sujeito à confirmação.

que separar alunos da tarde e da noite. E nessa oportunidade também, depois que chegou J. Augusto, com pouco tempo depois chegou Joaquim<sup>3</sup>. E os alunos de Joaquim já eram outros.

G.L – Aí no caso foi assim, começou por Antônio Francisco, depois Antônio Francisco foi ser aluno de J. Augusto, e Joaquim já tinha vivenciado o karatê em outra cidade e quando chegou aqui, colocou uma academia?

F.A – Exatamente, mas o estilo de Joaquim, salvo o engano era undokai. E o que diferenciava os estilos era o combate. O shidokan era mais real, podia bater na cara e tudo, só não valia golpes baixos. Mas chute no rosto, soco no rosto podia, era porrada mesmo. Já os estilos shotokan e undokai, a orientação dos mestres era só pra sombra mesmo, quando vai acertar, tem que voltar o chute ou soco, não acertar de verdade não. O nosso estilo na época era conhecido como o estilo violento, tinha cara que saia machucado mesmo. O Joaquim, que era undokai, montou uma academia, só que os estilos eram diferentes, os mestres eram outros, a graduação era diferente... Joaquim era graduado também, acho que era faixa roxa.

G.L – Os grupos tinham alguma rivalidade?

F.A – Sim.

G.L – Aí ficaram só esses dois grupos, o de Joaquim e o de J. Augusto?

F.A – Sim. Antônio Francisco ficou sendo instrutor de J. Augusto. Quando J. Augusto faltava, ele dava as aulas.

G.L – Tinha rivalidade entre os grupos?

---

<sup>2</sup> João Augusto de Lima.

<sup>3</sup> Francisco Joaquim Mesquita Pinto.

F.A – Sim. Quando ia ter as apresentações, nosso estilo era mais agressivo e gerou uma rivalidade. Existia bronca. Aí evitava-se os combates, era mais kata<sup>4</sup>, quebrar objetos... Por que nosso estilo era mais agressivo, e eles não treinavam assim.

G.L – Mas assim, o karatê foi marginalizado na época?

F.A – A princípio não, mas depois que foi se enraizando, as pessoas começavam a entrar com sentimento de vingança, querendo pegar outra pessoa, aí quando aprendiam qualquer coisa, iam querer brigar. Tinha qualquer festa, aí a pessoa ia querer cobrar algo e mostrar o que aprendeu. Mas muitas dessas pessoas eram indisciplinados e muitos eram expulsos da academia. Nossa academia era muito unida, se mexesse com um, todos entravam, aí se tivesse muita gente envolvida, chamava os dois e colocavam pra resolver os problemas, só os dois pra decidir, pra tirar a intriga.

G.L – Você já participou de competições de karatê?

F.A – Já, só aqui mesmo, interno, entre academias. Mas fora de Campos Sales, a gente só fazia apresentações de quebra de telha, simulação de golpes de ataque e defesa, defesa pessoal contra armas. Aí a gente fazia apresentações nas cidades vizinhas.

G.L – Depois que o karatê foi se desenvolvendo, Flávio montou uma academia pra ele?

F.A – Assim, depois J. Augusto foi embora pra Fortaleza, aí a academia, pra não morrer, foi dado prosseguimento através de Flávio, de mim e de Chi zé<sup>5</sup>. Antônio Francisco já tinha ido embora também. Quem estruturou o karatê foi J. Augusto.

G.L – J. Augusto era filiado a federação?

F.A – Sim, ele quem trazia o mestre para os eventos. Tinha até carteirinha. Treinou karatê em Campos Sales por três anos, até chegar a faixa verde, depois foi para Recife

---

<sup>4</sup> Sequencias de movimentos.

<sup>5</sup> Nome sujeito a confirmação.

estudar e teve que parar a prática do karatê. Depois veio morar em Juazeiro do Norte<sup>6</sup> e praticou até atingir a faixa preta.

G.L – Você deu aulas de karatê?

F.A – Só naquela época mesmo, pra manter a academia. Nenhum praticante levou o karatê como profissão, mas como um *hobby*, ninguém pensava em ganhar dinheiro com isso.

G.L – Vocês tinham conflitos com a polícia?

F.A – Sim, eles não gostavam de nós. Sempre que estávamos em uma festa, alguém vinha provocar a gente, pelo fato de a gente ser karateca, querendo testar a gente, e isso criou preconceitos. J. Augusto era militar, mas ficava do nosso lado, aumentando a raiva deles. Flávio uma vez teve um problema com um policial à paisana, e Flávio deu um *mawashi geri*<sup>7</sup> na cabeça dele que ele caiu. Eles tinham problemas com a gente porque a gente não dobrava. Se mexesse com os dragões, já sabia que era peia na certa.

G. L – Em relação aos desafios, como funcionam?

F.A – A gente fazia uma arena com juiz e tudo, quando começava o cacete, ia até um não aguentar, mas não podia bater quando o cara caía no chão, só valia em pé, não poderia agarrar. Valia dar soco, chute, joelhada, cotovelada, até alguém desistir. Em relação aos desafios, tinha um cara, o Diabo Loiro<sup>8</sup>, que saía nas cidades fazendo apresentações e desafiando as pessoas. Ele pagava pra ver se alguém aguentava lutar contra ele alguns minutos, aí quando ele veio para Campos Sales, o pessoal comentava: “Só tem Flávio que pode enfrentar esse cara”. Flávio é grande, né?! Mas ninguém saía machucado não.

G.L – Teve algum fato que te marcou muito?

---

<sup>6</sup> Cidade do Interior do Ceará.

<sup>7</sup> Golpe.

<sup>8</sup> Nome sujeito a confirmação.

F.A – Cara, um fato importante, enaltecedor eu não lembro, mas aconteceu um fato dentro da própria academia. Joaquim colocou raspa de madeira em um saco de pancada e colocou também uma pedra de calçamento dentro, para compactar a raspa de madeira, aí ele não avisou a ninguém. Quando a gente chegou pra treinar, meu irmão foi dar um chute, acertou a pedra e quebrou o pé em 3 partes. Por causa disso, J. Augusto proibiu Joaquim de frequentar a academia. Isso gerou uma rivalidade maior ainda. Os dois professores tiveram uma rivalidade maior ainda, quando se pegavam no combate, saia faísca. Mas assim, dentro da academia, se a gente fizesse algo fora da academia que não fosse pra se defender, a gente ia lutar com o professor, aí tome peia, pra disciplinar o aluno. Na época tinha pulso, não é como os de hoje, que o aluno quer ser mais que o professor, na época, o professor era que nem um pai, existia respeito.

G.L – Muito obrigado!

[FINAL DA ENTREVISTA]